

A PROTAGONISTA NO CONTO “ROSA” DE BERNARDO ÉLIS

THE PROTAGONIST IN THE SHORT STORY “ROSA” BY BERNARDO ÉLIS

Jane Adriane Gandra

Universidade Estadual de Goiás (UEG)
jane.gandra@ueg.br

Nismária Alves David

Universidade Estadual de Goiás (UEG)
nismaria.david@ueg.br

Resumo. Este texto analisa o protagonismo concedido à personagem feminina no conto “Rosa”, de Bernardo Élis, cuja publicação se deu em 1966 na coletânea **Veranico de Janeiro**. Primeiramente, a partir de Antonio Candido (2009), Anatol Rosenfeld (2009), Nancy Huston (2010), busca-se compreender o conceito de personagem como um ser da linguagem, ou seja, uma criatura construída que, sendo sempre ficção, pode ou não proporcionar modelos aos leitores. Em seguida, realiza-se a abordagem do enredo, a fim de revelar que a *persona* Rosa se projeta da memória do escritor goiano para ser recriada nas páginas literárias.

Palavras-chave. Personagem. Conto. Rosa. Bernardo Élis.

Abstract. This paper analyzes the protagonism of the feminine character in the short story “Rosa” by Bernardo Élis. This literary text has been published in the work **Veranico de Janeiro** in 1966. Firstly, based on Antonio Candido (2009), Anatol Rosenfeld (2009) and Nancy Huston (2010), the character is a linguistic being, a constructed creature that is always fiction, and it may or may not provide models for readers. Then, the approach of the plot reveals that the *persona* Rosa is projected from the memory of the writer and she is recreated in the literary pages.

Keywords. Character. Short story. Rosa. Bernardo Élis.

Introdução

A obra do poeta, romancista e contista Bernardo Élis Fleury de Campos Curado (1915-1997), cada vez mais, tem sido reconhecida por seu valor literário e recebido a atenção da Crítica. De modo recorrente, localiza suas histórias no sertão com a cultura popular, o que torna seus textos fascinantes. Diversas referências ao contexto histórico, à religiosidade, às lendas e às superstições apresentam-se recontadas em sua escrita literária e constituem suas personagens. Segundo Diogo Marçal Cirqueira (2011, p.84): “Bernardo Élis aventa o modo de vida dos indivíduos que vivem no ‘sertão goiano’, e, ao tratar de aspectos culturais e da relação ser humano/natureza, expõe as contradições, conflitos, desigualdades, paradoxos e ambiguidades que aí perpassam”. No espaço geográfico do sertão, um lugar retratado por terras isoladas, a literatura produzida por Bernardo Élis denuncia as desigualdades sociais, pois aqueles detentores do dinheiro e do poder exercem o autoritarismo sobre os que vivem na miséria e são assujeitados ao regime de servidão.

O sertão como uma categoria cultural assume grande importância para a Literatura brasileira desde o Romantismo, conforme Janaína Amado (1990), revelando-se por meio da referência aos vários aspectos que caracterizam a realidade do espaço, tais como patriarcalismo, clientelismo, opressão, religiosidade, superstições, tradição oral, folclore, sabedoria popular, entre outros.

O autor do conto “Rosa” inscreve-se nessa linha de escritores, pois, de acordo com Antônio Hohlfeldt (1990):

Bernardo Élis se aprofunda na crítica social, nas condições de violência, na exploração latifundiária, que caracterizam o desenvolvimento social e econômico das províncias brasileiras ainda hoje, de fato facilmente verificável nas manchetes dos jornais. Num espaço tipo fim-de-mundo, esquecidas, marginalizadas, as criaturas de Bernardo Élis lutam e reivindicam por sua condição humana, ainda que restritas num círculo fechado de regras próprias, ética e moralmente diferenciadas do universo urbano e tecnológico onde o tempo é um escorrer sem sentido, contínuo, infinito, com a mais absoluta estratificação das relações humanas, quase sempre animalizadas. (HOHLFELDT, 1990, p.25).

Bernardo Élis expõe uma visão crítica sobre questões sociais, evidenciando a exploração do homem pelo homem, em especial, a exploração da mão-de-obra de pobres por coronéis. Até mesmo, é comum, nas falas de várias personagens, o emprego de uma linguagem simples que remete ao meio rural e que chega a sugerir a predisposição à

subalternidade dos humildes diante daqueles que detinham o poder. O referido escritor dá visibilidade a inúmeros seres marginais, alçando-os ao protagonismo como se observa no conto “Rosa”, compilado em *Veranico de Janeiro*, uma de suas obras mais conhecidas, publicada em 1966. Com a referida coletânea, o escritor angariou o Prêmio José Lins do Rego, da Editora José Olympio, e o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro. O volume é composto por seis contos “Veranico de janeiro”, “A enxada”, “Rosa”, “O padre e um sujeitinho metido a rabequista”, “Dona Sá Donana” e “Os fuxicos da fonte do Taquari”. Dentre esses, o conto “Rosa” é o objeto das considerações tecidas nesta análise.

Rosa, a *persona* (re)criada

Para analisar um texto narrativo, a personagem é um dos elementos fundamentais a ser observado atentamente, devido ao papel que desempenha no enredo. Antonio Candido (2009) aborda a personagem no gênero romance e suas considerações podem ser estendidas ao gênero conto. Segundo o referido crítico, tratar do enredo é tratar da personagem, pois “o enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo” (CANDIDO, 2009, p. 53). Paradoxalmente, a personagem constitui-se como um ser fictício que existe, é o elemento mais atuante e comunicativo, vive e dá vida ao enredo, adquirindo seu significado no contexto.

Para Anatol Rosenfeld (2009), o texto ficcional projeta seres e mundos intencionais. “Na obra de ficção, o raio da intenção detém-se nestes seres puramente intencionais, somente se referindo de um modo indireto – e isso nem em todos os casos – a qualquer tipo de realidade extraliterária.” (ROSENFELD, 2009, p.17). A personagem materializa-se mediante um jogo de linguagem que lhe faculta suas atitudes. Isso porque o escritor manipula o discurso para construir personagens que, por um lado, são criações fictícias, próprias do texto literário, e, por outro lado, tornam-se autônomas sempre que revisitadas pelo leitor.

Mesmo diante de enredos que dialogam com a História oficial, o autor do texto literário cria um mundo imaginário verossímil, o qual convida o leitor a continuar nesta camada ficcional “que se sobrepõe e encobre a realidade histórica” (ROSENFELD, 2009, p. 21). Cabe à personagem, conforme o mencionado estudioso, tornar patente o fictício, visto que, por meio dela, o imaginário se avoluma e se materializa. Entretanto,

[é] perfeitamente possível que haja referência indireta a vivências reais; estas, porém, foram transfiguradas pela energia da imaginação e da linguagem poética que visam a uma expressão ‘mais verdadeira’, mais definitiva e mais absoluta do que outros textos. (ROSENFELD, 2009, p. 22).

No dizer de Rosenfeld (2009), a personagem constitui a ficção. Nessa mesma direção, a escritora Nancy Huston (2010), em **A espécie fabuladora**, explica que o homem é um ser que inventa histórias, resultando sempre em ficções nas quais as personagens são onipresentes.

Na origem etimológica, tanto “personagem” quanto “pessoa” se originam do termo latino *persona* cujo significado é máscara, um modo humano de estar no mundo. A máscara era utilizada pelo ator na Antiguidade clássica, a fim de diferenciar a pessoa em relação ao papel representado no palco. No texto literário, o escritor engendra a personagem a partir de imagens de seres humanos, complementando-as. Dessa maneira, “[as] suas palavras suscitam no espírito do leitor lembranças, associações, signos de reconhecimento – e, ao final de algumas páginas, se ele é talentoso, pronto: o leitor se põe a seguir as aventuras do protagonista como se o conhecesse intimamente”. (HUSTON, 2010, p.117).

Ainda, de acordo com Huston (2010, p.122), as personagens oferecem modelos e antimodelos de comportamento aos leitores, “dão uma perspectiva preciosa em relação aos seres que nos cercam e – mais importante ainda – em relação a nós mesmos [...], ajudam a compreender que as nossas vidas são ficções – e que, por isso, temos o poder de intervir, modificando o seu curso”. Nesse sentido, não há limites definidos entre vida e ficção, visto que estas se alimentam mutuamente. Logo, a pessoa também é uma personagem, segundo Huston (2010, p.113), autorrepresentando-se em sua vida.

No ambiente familiar, Bernardo Élis realmente teve contato com uma pessoa chamada Rosa, analfabeta, que foi criada pela família do escritor depois que a mãe morreu e o pai passou a enfrentar dificuldades para cuidar dela e do outro filho (ÉLIS, 2000). Gabriel de Paula, em sua dissertação de Mestrado intitulada **Bernardo Élis: de Corumbá de Goiás ao mar**, defendida na Universidade Federal de Goiás em 2014, esclarece que Rosa era uma pessoa muito simples, tinha sangue indígena por parte de mãe e era sabedora de muitas histórias. De suas memórias, trazia o folclore e os costumes rurais que integravam as várias narrativas que contava ao menino Élis.

A esse respeito, o próprio escritor declara: “Grande parte das coisas que foram minhas histórias são fruídas da sabedoria e da imensa cultura de Rosa”, principalmente, histórias supersticiosas e de medo (ÉLIS apud PAULA, 2014, p. 31). Com as devidas precauções, Candido (2009, p.69) revela que “uma das grandes fontes para estudos da gênese das personagens são as declarações do romancista”. Logo, Rosa é uma personagem histórica, confiada por Élis, e que traz mais veracidade ao narrado.

Considerando as declarações do escritor, Rosa é uma *persona* que habita a memória do escritor, tornando-se um ser fictício. Ao trazer a imagem daquela mulher que conheceu, o contista revisa-a e revive-a. Desse modo, a literatura nos permite conhecer o outro e a nós mesmos. No discurso literário, transmuda-se a vivência do ser humano para a página. Assim, na transfiguração da vida, a *persona* é (re)criada e localiza-se no plano do imaginário.

Sem dúvida, mesmo representando uma pessoa e/ou pessoas, a personagem é sempre um problema linguístico, pois existe nas palavras e na realidade ficcional, como bem explica Beth Brait (1985). Também Candido (2009, p. 66, grifos do autor), ao atentar para a obra de Francis Mauriac, pontua: “o grande arsenal do romancista é a memória, de onde extrai os elementos da invenção, e isto confere acentuada ambiguidade às personagens, pois elas não **correspondem** a pessoas vivas, mas **nascem** delas”.

Neste artigo, opta-se por destacar a protagonista Rosa, uma vez que ela oferece o primeiro impulso e conduz toda a ação desenrolada no conto homônimo de Élis. A função da personagem é marcante na literatura narrativa, mas, como o discurso é projetado pela perspectiva do narrador, este elemento é também fundamental para a configuração daquela. Isso porque: “Na ficção narrativa desaparece o enunciador real. Constitui-se um narrador fictício que passa a fazer parte do mundo narrado, identificando-se por vezes (ou sempre) com uma ou outra das personagens, ou tornando-se onisciente etc”. (ROSENFELD, 2009, p. 26). No conto em análise, mediante o discurso indireto livre, o leitor tem acesso à subjetividade das personagens, sobretudo de Rosa. A figura feminina da empregada da família Curado entra no enredo. Figura esta que participou, portanto, da vivência do escritor, por um lado, refere-se a uma mulher que existiu independentemente, como diria Rosenfeld (2009, p. 15), numa “esfera ôntica autônoma (no caso, a da realidade)”; por outro lado, “[as] pessoas (históricas), ao se tornarem ponto zero de orientação, ou ao serem focalizadas pelo narrador onisciente,

passam a ser personagens; deixam de ser objetos e transformam-se em sujeitos, seres que sabem dizer ‘eu’”. (ROSENFELD, 2009, p. 26).

No conto em questão, o foco narrativo manifesta-se em terceira pessoa onisciente, segue os passos da personagem e penetra na sua interioridade. Em todo o enredo, o narrador organiza o relato e é quem desvenda, de forma direta, todos os atos da personagem, dando as informações ao leitor. Para Barthes (2011, p.50), tanto o narrador quanto a personagem “são essencialmente ‘seres de papel’”.

Em linhas gerais, o enredo de “Rosa” pode ser resumido com as seguintes palavras: no horário de almoço de uma família – constituída pelo comerciante Seu Reimundo, a esposa Dona Rita e o filho rapazinho – chega à casa uma mulher chamada Rosa que lhes pede acolhida. Ali, passa a trabalhar em troca de um lugar de abrigo e de pouco alimento. Eram dias de seca, a personagem observa a natureza com absoluta intimidade. Quando a primeira chuva cai, ela planta o quintal da casa e de lá desaparece misteriosamente.

Constata-se que a narrativa se inicia com a chegada da personagem e termina com sua partida. Desse modo, a importância de Rosa consiste no fato de que todo o assunto do conto focaliza suas ações e suas credices, bem como o seu envolvimento com a natureza tão bem apresentado por meio de descrições imagéticas.

Nesse aspecto, convém salientar a relação do texto de Bernardo Élis com a pintura e/ou com a fotografia, pois a palavra e a imagem se complementam e compõem a imagem da personagem, cujo silêncio era expresso por “vozes falando linguagem pesada de feitiços e superstições; muitas murmurações, [...]” (ÉLIS, 2003, p. 106). Como se nota, a protagonista representa a cultura oral, em que se conserva a memória coletiva, o discurso mítico-religioso e seus eventos extraordinários. Como exemplo, a sua relação com as águas da chuva é descrita pelo narrador de maneira lírica: “Rosa também as anunciava. Lá estava ela esquecida de si mesma, no fundo do quintal, banhada da luz vacilante dos garranchos queimados, estática, como se ouvisse o pipocar do chuvisco nos buritizais do sertão”. (ÉLIS, 2003, p. 113).

Em oposição ao desejo de chuva, o narrador revela a impiedade da seca por meio de imagens surreais: “[...]. O chão era triste: onde era vermelho, ficava um vermelho pesado, de sangue coalhado e morto; onde era branco, o branco era apagado, com essa alvura duvidosa de ossada velha. [...]” (ÉLIS, 2003, p. 114). Gilberto Mendonça Teles (2003) comenta sobre o resultado do surrealismo na prosa de Bernardo Élis, salientando que “tomou o sentido do

absurdo, do poético, do estranho e até do fantástico metido no meio de um discurso que se queria, antes de tudo, autenticamente realista”. (TELES, 2003, p. 15).

Diogo Marçal Cirqueira (2011), em **As paisagens de Bernardo Élis na obra Veranico de Janeiro**, expõe que a personagem Rosa “[...] é a chuva e chega em um período temporal de seca; surge como a chuva no Cerrado, de repente e para ficar – ao menos por um período.” (CIRQUEIRA, 2011, p.84). Para o referido autor, o conto “Rosa” demonstra a relação entre o indivíduo e a chuva, pois esta renova a vida no Cerrado e transforma a postura da protagonista. Isso porque, além de serem representadas as transformações ocasionadas pela chuva no meio físico, evidencia-se sua influência na subjetividade das pessoas do sertão goiano.

Sinestesticamente, evidenciam-se as cores da natureza. Há a descrição do ambiente e do medo no estado de espírito de Rosa, aguardando as águas do céu: “Com o descambar do sol, o céu empretejou de vez; [...]. Das copas reverdecidas das laranjeiras, cafezeiros, jabuticabeiras e mangueiras os sabiás-de-rabo-mole atiravam pios aflitíssimos, que varavam o coração de Rosa e punham em suas feições uma sombra de bruteza e dor.” (ÉLIS, 2003, p. 114).

Rosa identificava-se com os elementos naturais, aparecendo cercada por aves em fins do mês de julho. Seu mutismo confirma sua simbiose com a natureza, desligando-se das coisas. Seus olhos refletem as imagens por ela observadas. “Nesses momentos, os olhos dela tinham um palor vítreo e manso, estampando paisagem de um céu fumacento, imensas pradarias amarelentas pela seca” (ÉLIS, 2003, p. 106). Como em tempos antigos, vê-se reiteradamente o desejo/o esforço de prever o futuro e desvendar os mistérios. De fato, isso mostra o quanto a religiosidade e a tradição popular são valorizadas neste conto.

O percurso da personagem Rosa na trama

Ao se ler a obra de Bernardo Élis, torna-se indispensável refletir sobre as diversas personagens que habitam seus textos e, aqui, como já foi dito, pretende-se chamar a atenção para o protagonismo concedido à personagem feminina Rosa. O enredo do conto inicia-se com a marcação do tempo, “Foi numa hora do almoço”, e com a descrição do cenário natural: “O dia, era um dia claro, de muito sol, as andorinhas voavam no beiral” (ÉLIS, 2003, p. 101).

Há o emprego do pretérito perfeito do verbo ser, este que é o mais usado como introito em narrativas tradicionais, antecipando a estiagem que caracteriza a maior parte da história. As marcações temporais e espaciais são uma maneira de o narrador introduzir o seu ouvinte (leitor), dando-lhe as mãos pelos meandros ficcionais.

Na porta da rua, chega alguém gemendo: “[...] um gemido como se alguém velho ou muito cansado se assentasse”. (ÉLIS, 2003, p.101). Eis que era Rosa. Seu aparecimento coincide com o que ensina Rosenfeld (2009, p. 23, grifo do autor): “É geralmente com o surgir de um ser humano que se declara o caráter fictício (ou não fictício) do texto, por resultar daí a totalidade de uma **situação concreta** em que o acréscimo de qualquer detalhe pode revelar a elaboração imaginária”.

Todavia, antes de o narrador elucidar que se trata de Rosa, oferece ao leitor a descrição do ambiente familiar dentro da casa, submetido ao patriarcalismo. Isso porque, diante da mesa, o pai (Seu Reimundo) contava um caso e cabia à mãe (Dona Rita) e ao filho apenas ouvirem a fatigante narrativa, enquanto imaginavam quem estaria diante da porta. Um aspecto relevante é o tratamento dado à refeição como um momento privado da família, feito às escondidas, no dizer do narrador, “como se comer fosse ato proibido ou indecente” (ÉLIS, 2003, p. 101), mencionando a carência da mesa. Todo esse preâmbulo tem como função alinhar a expectativa da história com o conhecimento do lugar e das personagens, pois somente assim se entendem os estratos sociais demarcados no conto.

Em situação precária, chega Rosa exausta e imunda. Suas primeiras palavras são: “– Sus Cristo, patrão!” (ÉLIS, 2003, p. 104). O narrador adota a estratégia de permitir que a protagonista se apresente por meio de uma linguagem coloquial, marcada pelo tom regionalista e indicadora de um comportamento subserviente e cristão.

Rosa não queria ganhar nada. Rogava somente um canto pra mode dormir, um tiquim de comida mode não morrer de fome:

– Tô andando bem um mês e quê...

E explicou que o pai morrera, ficando sozinha nesse mundão de meu Deus. Que morava longe toda a vida, num lugar que tinha serras altas luminosas, com um rio escuro e gemedor: – A gente anda cinco léguas num dia; eu andei pra mais de mês até esbarrar nesse comêço.

E Rosa se foi ficando para lavar uma roupa, rachar lenha, pilar arroz, socar paçoca, capinar quintal, torrar e socar café, fazer sabão, buscar água na bica. [...]. (ÉLIS, 2003, p. 104).

Rosa aparece como um corpo para o trabalho. O leitor fica sabendo que, antes, ela morava com o pai e que foi criada num ambiente de carência. A personagem veio de um lugar isolado, no qual os costumes eram diferentes e, até mesmo, o sal era algo raro. Esse isolamento explica o porquê de ela ter receio da rua (percebendo esta como “um bicho feroz ou nojento”) e de não querer estar em meio às pessoas, preferindo o canto escuro da igreja, os fundos dos quintais ou becos, e seus pés descalços. Assim, é caracterizada pelo narrador: “Calma, sempre séria, nunca loquaz, ela ficava um tempão danado quieto na cozinha, numa quieteza tão humilde e vegetal que a gente tinha a impressão de que ela se dissolvia no ambiente.” (ÉLIS, 2003, p. 105). Como se observa, ela corresponde a um ser de papel, definido pelo telurismo.

Diante da seca do mês de agosto, os atos da protagonista são, assim, sintetizados: “Só, cantava num tom gutural canções de uma simpleza desconcertante, com longas vogais se repetindo nessa monotonia de resmungo, de gungunado de prece, solução de negro remando em rio, gemido de gente cavando fundo” (ÉLIS, 2003, p. 106). Nota-se, portanto, certa incapacidade de usar a língua por parte da personagem.

Todavia, são as credices e os costumes rurais que motivam a ação de Rosa:

rolinhas fogo-apagou rogavam praga no telhado, galinhas cacarejavam tomando banho na poeira fina do quintal, ao monótono engrolo de algum galo broco. Sobretudo, o zinir estrídulo dos zumbis. Num zis parece que todos os zumbis disparavam a zinir seus zis-zis-zis. Com pouco, também paravam de uma vez. ‘Quede os meninos? Por onde andavam eles que não espantavam o diabo daquela galinha que estava cantando de galo? Isso era sinal de azar, era mau agouro, minhas almas do purgatório!’ (ÉLIS, 2003, p. 108).

Depreende-se um caráter animista do pensamento que remete à memória dos antepassados, de um mundo construído pela oralidade. Aos olhos do narrador, Rosa tem importância e sua sabedoria mantém viva a tradição popular, por meio das superstições. Interessante pontuar que, nesse mesmo texto, Bernardo Élis experimenta a convivência entre o sobrenatural e o real, conforme já foi apontado por Teles, em “A síntese su/realista de Bernardo Élis” (2003).

O contista aborda as vivências da família e questiona as relações sociais da época dos coronéis como temas das narrativas. No conto, fica claro que as pessoas que chegavam do sertão, se “eram fregueses do coronel, o arranchamento e o pasto eram de graça”. Assim, deu-

se com uns conhecidos da protagonista, recebidos por esta, momento em que a personagem muda de comportamento: “Rosa falou, indagando como iam as coisas no sertão, lembrou nomes, pessoas, lugares, falava de banda, a cara pra lá”. O narrador complementa: “Rosa nessa tarde estava desenvolta, satisfeita, completamente livre”. (ÉLIS, 2003, p. 109).

Rosa é uma personagem que surpreende o leitor no decorrer do enredo. “Os tais se foram e bem uma semana ela ficou se lembrando deles, contando casos do pai, falando da serra luminosa, do rio gemedor, do gado que uns homens da Bahia tangeram após de socar o punhal no velho na porteira de mais de fora do curral” (ÉLIS, 2003, p. 109-110). Desse modo, a linguagem gutural é substituída pelos vários causos, inclusive narrativas de violência e opressão. Em outras palavras, com a chegada dos conhecidos, Rosa se sente importante, torna-se desenvolta, satisfeita e completamente livre, pertencente ao mesmo lugar dos dois homens.

No desenvolvimento da história, até ocorrer a chuva, a protagonista muda de atitude: antes, entristecida, passa a alegre e, depois, volta a ser monótona com a partida dos amigos:

Depois voltou ao ramerrão costumeiro, metida no seu canto, fazendo as coisas que lhe eram determinadas, deitando-se com as galinhas nos dias normais e levantando-se com as estrelas no céu. Sempre suja, metida no vestido de algodão cru, tomando banho rarissimamente, dormindo sem lavar os pés, fedendo a suor acre de cavalo pisado, mijando em pé e enxugando as pernas com a saia. Muitas vezes dormia na cozinha, encostada na fornalha, a cabeça do cachorro. – Tigre – no colo. (ÉLIS, 2003, p. 110).

Expõe-se a mulher segundo uma visão realista, que beira o grotesco. O narrador oferece ao leitor tanto os traços físicos quanto os psicológicos da personagem. No aspecto físico, é abundante a caracterização da mulher como um ser primitivo e imundo, empregando algumas comparações com animais, que corresponde ao zoomorfismo, traço recorrente na literatura de Élis. A imagem dela possui plasticidade e seus atributos opõem-se à delicadeza e os sentidos evocados por seu nome. No aspecto psicológico, como já foi dito, Rosa é uma mulher que prefere ficar sozinha em contato com a natureza, varia seu estado de ânimo, expressando-o por meio de modas (canções).

Aurélio Buarque de Holanda (1975, p.1), no **Discurso de Recepção a Bernardo Élis** junto à Academia Brasileira de Letras, pontua que “Rosa é um pedaço de natureza. Uma força da natureza. No conto que lhe traz o nome, não só os seres humanos, mas a natureza toda,

animais, vegetais, coisas, são personagens”. A mulher volta a se isolar junto à natureza, em companhia apenas do cachorro de estimação. Ela emprega sua sensibilidade na observação da condição dos elementos naturais, faz previsões e expõe superstições como, por exemplo: “Quando a ventania bulia com o folhame, Rosa fazia uma cruz com os dedos indicadores, mode espantar o Saci: ‘Tesconjuro, bicho feio’”. (ÉLIS, 2003, p. 111). Além da figura do Saci, a imagem da coruja é evocada, conforme credices populares.

[...] luar enfumaçado, próprio para alumiar almas do outro mundo. A coruja de mato virgem passou recortando mortalha. Seu vulto branco, enorme, tirou Rosa de seus cismares, para dizer um creindeuspadre. ‘Coruja é bicho de mau agouro, inda mais coruja moradeira em torre de igreja da moda daquela!’ (ÉLIS, 2003, p. 111- 112).

Nessa citação, verifica-se a coruja como uma ave de mau agouro, anunciadora da morte. Há a referência à Lenda da Rasga Mortalha na qual o canto da coruja remete a uma onomatopeia do corte do tecido a ser usado como mortalha, despertando o medo da morte. Outra estratégia semelhante é o uso da epígrafe:

Quano entra mês de agosto,
Os ar tudo entristece.
Os passarim canta triste
Naquele sertão deserto.
Eu também vivo cantano.
Pruque sei que a morte é certo.

(Moda de Viola, Folclore Goiano.).

(ÉLIS, 2003, p.101).

Este elemento pré-textual apresenta a citação de uma moda de viola, que é marcada pela oralidade e que fala sobre a credice de que agosto é o mês de mau agouro, restando, ao trovador, apenas cantar e esperar pela morte.

Na lojinha do patrão comerciante, vendiam-se coisas de pouco valor e Rosa não sabia a origem dos objetos comercializados. “Para ela, todos deveriam fazer roça, criar bois, cavalos, porcos, tecer pano, fazer chapéu e sabão. Como não visse Reimundo fazer nada disso, tinha-o em má conta. ‘Homem preguiçoso e inútil.’” (ÉLIS, 2003, p. 110). Para ela, a visão do trabalho é agrária, enquanto que seu Reimundo revela suas ambições comerciais, sendo incompreendido por Rosa.

Ocorre a primeira chuva:

Como fazia anualmente após a primeira chuva, Rosa pela madrugada havia plantado todo o quintal, como se fosse uma roça do sertão. Perto do canto do muro estava encostada a enxada, pesada de barro fresco, o cabo também enlameado, dando a impressão de que Rosa andara revolvendo a terra com as mãos. (ÉLIS, 2003, p. 116).

Sobram os sinais dos pés enlameados, primeiramente, em cada cova feita por ela, depois, na escada, na cozinha, na varanda, no corredor, na calçada da frente da casa e, por fim, nos “brotinhos de capim que recobriam o largo” (ÉLIS, 2003, p. 116). Em seu quarto, ficaram o vestido, o par de chinelos, marcado pelos “dedos brutais da mulher”, e “o cheiro, aquele acre odor de cavalo pisado, que era a nhaca de Rosa” (ÉLIS, 2003, p. 117). Todos esses detalhes, por meio de imagens sinestésicas, configuram-se também como marcas sociais que definem o corpo e o estilo de vida de Rosa.

Após a protagonista ter cumprido seu papel de plantar a terra, tem-se seu misterioso sumiço ao final da história. O narrador não se mostra mais onisciente, uma vez que não desvenda ao leitor o real paradeiro da personagem: “Da rua vinha a voz do Maneta: – Num falei! Num falei que chovia de noite? Agora é chuva até a entrada da lua nova, com a ajuda de Nossa Mãe Maria Santíssima” (ÉLIS, 2003, p.117).

Fecha-se o conto ao trazer a fala de um homem, Maneta, e sua expectativa de muitas chuvas e, ao mesmo tempo, isso aponta para a insignificância do desaparecimento daquela mulher, pois revela a ideia de que a vida continua. Sem dúvida, Rosa cumpre um ciclo, como a natureza. As únicas certezas dadas ao leitor são a chegada e a partida da personagem, respectivamente, no início e no final da história: não se sabia o antes, nem se fica sabendo o depois. Todavia, partida esta que sugere que a protagonista se torna um sujeito independente, saindo da condição de subalternidade a que estava submetida naquela casa.

Considerações finais

A protagonista Rosa, do conto de Bernardo Élis, é um ser fictício que surge a partir da observação de uma pessoa real homônima, com quem o referido escritor teve convivência. Tomando como ponto de partida um dado autobiográfico, por meio do fazer literário,

combina-se a imaginação às circunstâncias vividas. A construção da personagem se dá na linguagem. Rosa é a personagem central que estrutura o conto, invenção que parte de fatos reais e concretiza a ficção, unida à realidade do escritor e a seu mundo. Por meio desta, Bernardo Élis permite ao leitor pensar sobre o tempo representado em suas narrativas, principalmente, no que se refere à situação social vivida à época retratada. Notadamente, reproduz um tempo em que o lugar da mulher se restringia ao universo doméstico, representando uma sociedade patriarcal que coibia os espaços a serem percorridos por ela.

O texto bernardiano traz uma protagonista feminina, sem recorte algum à sensualidade e/ou à sexualidade. O tipo de discurso empregado pelo narrador para falar sobre esta mulher aproxima-a de um ser primitivo (e, até mesmo, animalizado), que é dotado de dons de interpretação dos elementos naturais. A rigor, em contato com a natureza, ela exerce o seu poder, numa profunda simbiose, revelando sua ligação com a terra. O escritor apresenta-se como um atento e crítico observador da realidade e, com a narrativa, o leitor pode experimentar as vivências da personagem. Quando o narrador fala de Rosa e seus presságios, revelam-se credices, folclore, religiosidade, enfim, memórias. Estas que são, ao mesmo tempo, imaginação e preservam o ato humano de narrar.

Referências

AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 1995, p. 145-151. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/1990/1129> Acesso em 30 set. 2021.

BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, Roland et. al. **Análise estrutural da narrativa**. Tradução Maria Zélia Barbosa. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 19-62.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo Ática, 1985.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et. al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 51-80.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. As paisagens de Bernardo Élis na obra Veranico de Janeiro. **Ateliê Geográfico**. v. 5, n. 3, p. 81 a 109, dez. 2011. Disponível em: <http://revistas.ufg.br/atelie/article/view/16628/10082>. Acesso em 01 out. 2021.

ÉLIS, Bernardo. Rosa. In: ÉLIS, Bernardo. **Melhores contos**. 3. ed. São Paulo: Global, 2003, p. 101-117.

ÉLIS, Bernardo. **A vida são as sobras**. Goiânia: Kelps, 2000.

HOHLFELDT, Antonio. **Conto brasileiro contemporâneo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Discurso de Recepção a Bernardo Élis**. 1975. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/bernardo-elis/discurso-de-recepcao>. Acesso em 27 nov. 2020.

HUSTON, Nancy. **A espécie fabuladora**: um breve estudo sobre a humanidade. Tradução Ilana Heineberg. Porto Alegre: L&PM, 2010.

PAULA, Gabriel de. **Bernardo Élis**: de Corumbá de Goiás ao mar. 2014. 131f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2014. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/3554/5/Dissertacao%20Gabriel%20de%20Paula%20-%202014.pdf>. Acesso em 16 out. 2021.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio et. al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 9- 49.

TELES, Gilberto Mendonça. “A síntese su/realista de Bernardo Élis”. In: ÉLIS, Bernardo. **Melhores contos**. 3. ed. São Paulo: Global, 2003, p. 7- 18.

SOBRE AS AUTORAS

Jane Adriane Gandra

Doutora em Letras pelo Programa de Estudos Comparados de Literaturas em Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP) e Pós-doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade Católica Portuguesa (UCP-Braga/Portugal). Integra o Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELLP/CNPq). Docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG) no Curso de Letras da Unidade Universitária de Posse. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7400-1610>

Nismária Alves David

Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e Pós-doutora em Estudos Culturais pelo Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG) no Curso de Letras da Unidade Universitária de Pires do Rio e no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI) do Câmpus Cora Coralina. Integra a RedePoesia, o Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELLP/CNPq) e o GT da ANPOLL Teoria do Texto Poético. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5278-4888>

Recebido em setembro de 2021

Aceito para publicação em novembro de 2021

Publicado em novembro de 2021